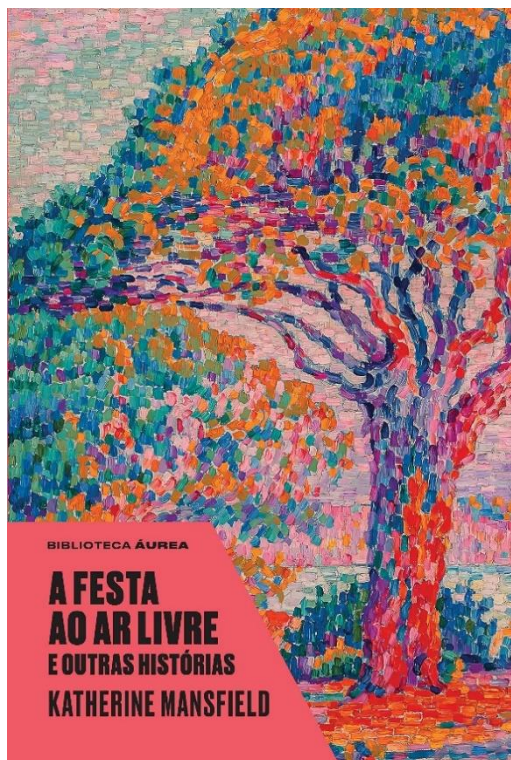


LUIZA LOBO TRADUZ KATHERINE MANSFIELD

Por Claudia Casaroti



A festa ao ar livre e outras histórias traz duas características importantes da prosa de Katherine Mansfield. A primeira delas é o realismo lírico, que está na extraordinária capacidade de expressão poética da autora, associada ao seu olhar crítico e ao seu tom irônico. Outra característica é o modo dicotômico como Mansfield desenvolve sua narrativa, que se dá em duas instâncias. Uma delas está ligada aos deslocamentos entre a trama que permeia a urdidura íntima do sujeito e a jornada na busca de identificação com o outro. A segunda instância dessa dicotomia narrativa está nos movimentos espaciais entre a casa e a paisagem natural, entre aquilo que se passa no interior do ambiente doméstico e a vida fora dele. O desfecho de todas essas alternâncias, no entanto, é sempre o retorno ao isolamento e à autoclausura dos personagens.

Os contos da autora neozelandesa reunidos nesta coletânea têm como mote os sentimentos de perda e opressão que atravessam, ou mesmo dominam, nossa existência, especialmente na realidade feminina. Neles, Mansfield nos fala das

dores de mulheres que assumem como propósito aquilo que delas se espera em uma sociedade patriarcal: a expectativa angustiante de fazer um bom casamento, a responsabilidade pelos afazeres domésticos e pela educação dos filhos, a obrigação de ser mãe, o desamparo a que estão sujeitas aquelas que não se casam ou que enviúvam. Também os homens vivenciam aqui as suas perdas, mas elas estão diretamente associadas a uma certa subversão do que consideram seu natural direito de controlar a existência, corpos e desejos das mulheres com que se relacionam. Assim sendo, esta obra publicada pela primeira vez em 1922, apresenta-se como uma leitura relevante e mesmo essencial nos dias de hoje.

A tradução da qual tratamos aqui não é a primeira experiência de Luiza Lobo com o texto, que já o havia traduzido para uma publicação de 1993 pela editora Tecnoprint. Porém, ela nos apresenta agora, nesta edição de 2020 pela editora Nova Fronteira, uma tradução revigorada sob a perspectiva das discussões sobre a condição da mulher na sociedade atual. Sendo ela própria escritora de contos, poemas e ensaios e já tendo traduzido outras autoras relevantes para a literatura mundial como Virginia Woolf e Jane Austen, Lobo demonstra competência em recuperar a voz de Mansfield para a obra em português.

Já no texto introdutório, Luiza Lobo nos brinda com uma contextualização do ponto de vista biográfico e estilístico da obra de Mansfield e é muito feliz ao mencionar a ligação da narrativa da escritora com a literatura de Dickens e Tchekhov. Especialmente este último, cujos contos, assim como vemos em Mansfield, são predominantemente contos de atmosfera, caracterizados pela inconclusividade e por narrativas que, muitas vezes, se eximem de um desfecho. No entanto, a tradutora ressalta a singularidade de Mansfield em relação a esses antecessores, ao trazer para suas narrativas a perspectiva de personagens femininas, anteriormente retratadas pelos olhares masculinos, tanto de autores quanto dos próprios personagens. Além disso, resgata-se a importância das epifanias, momentos de revelação por que passam os personagens em diversos momentos da prosa de Katherine Mansfield. Em suma, a introdução se configura como um paratexto precioso e uma justificativa coerente para as escolhas tradutórias adotadas por Lobo.

Quanto ao título do livro, o original é “*The Garden Party and Other Stories*”. Não encontrei declarações da tradutora sobre a escolha do nome em português e sabemos que essa decisão, por vezes, passa muito mais pelo parecer do departamento de marketing de uma grande editora do que pela opinião de tradutores. Mesmo assim, o uso de “festa ao ar livre” e não, por exemplo, “festa no jardim”, que seria talvez a tradução mais literal, vai muito mais ao encontro da narrativa dicotômica que mencionamos anteriormente. O interior e o exterior da casa, o enclausuramento íntimo e a abertura para o outro.

Tratemos agora de algumas das estratégias que parecem ter sido adotadas na tradução para recuperar as nuances da voz de Mansfield no texto de chegada.

Se, como afirma Meschonnic, o ritmo de um texto é “a organização e a própria operação do sentido no discurso”, Luiza Lobo logrou resgatar o ritmo na prosa de Mansfield para o texto traduzido. Por exemplo, no conto “Na baía”, a tradutora é hábil em alternar, na descrição, frases curtas, quase lacônicas, como fala alguém que acaba de acordar, com sentenças mais longas, como se a paisagem estivesse espreguiçando. A boa escolha do termo “encrespando-se” para “*rippling*” nos sugere que também o mar está despertando, e sua longa cabeleira se estende até os bangalôs, trazendo consigo o mundo onírico, “como um grande peixe chicoteando à janela”. A gradativa modulação de cores também é muito bem colocada, partindo da branca névoa marinha no início do amanhecer, seguindo para o brilho oleoso da areia quando os homens saem de casa, na manhã ainda escura, para conquistar o território que disputam em velada belicosidade e, finalmente, a diversidade de cores irradiadas pelo sol quando as mulheres e crianças deixam suas casas, só depois que os homens, magnanimamente, liberaram o espaço exterior e saíram para seu trabalho remunerado, que, mais uma vez de modo magnânimo, sustentará a todos.

Outro exemplo de como o ritmo na prosa de Mansfield é muito bem resgatado pelo texto da tradução está em “O primeiro baile dela”. Como no original, a fluidez da linguagem de Luiza Lobo logra reproduzir o compasso da música, ressoando sentimentos de expectativa, medo e frustração de uma jovem que, como na vida, espera por alguém que irá conduzi-la pelo salão. Enfim, o ritmo

está muito bem observado em todo o texto, nos deslocamentos entre interior e exterior e na alternância entre epifanias e compartilhamentos.

Mais um ponto a ser apreciado na tradução de Lobo está nas marcas de oralidade bem resolvidas que ela utiliza em “A vida de Mãe Parker”, a fim de reproduzir a desigualdade social que Mansfield traz no texto. Podemos ver claramente, na tradução assim como no texto original, a mulher de mais idade e, provavelmente preta, sem direito ao luto pela perda do neto adorador e cuja existência invisível faz com que, mesmo crivada pela dor, ela continue indo trabalhar para garantir o parco sustento.

Ainda na busca por recuperar a poética do texto de Mansfield, a tradutora opta por manter os estranhamentos em vários momentos. Trazendo o que Schleiermacher chama de “sabor do original estrangeiro”. Alguns exemplos desses estranhamentos são a tradução quase literal de “*almost uncannily clean and brushed*” e “*rolled right over*” no conto “Na baía”, e de construções pouco usuais como “*I say, you’re not crying, are you?*” em “A festa ao ar livre”.

No entanto, algumas marcas trazidas do texto estrangeiro parecem um pouco excessivas, podendo até mesmo criar no texto de chegada um ruído que não está presente no original, como é o caso da frequente repetição da expressão interjuncional “Digo-lhe” nas falas das personagens no conto “A Jovem” para traduzir a expressão “*I say*”. É certo que essa expressão não é comum no inglês, mas o estranhamento que ela causa no texto original é consideravelmente menor do que a expressão usada no texto em português. Outro ruído criado pela tradução é a recorrente utilização de adjetivos antepostos, que sendo assim comumente utilizados no inglês, não o são no português e, conseqüentemente, acabam imprimindo ao texto um ritmo que não se apresenta no original.

Vale também ressaltar uma perda no conto “A festa ao ar livre”, quando a tradução deixa de recuperar o sentido irônico no equívoco da matriarca da família, ao tentar ler as bandeirinhas de identificação dos sanduíches que serão servidos na festa. Considerando-se a dificuldade em se ler determinada caligrafia, a confusão entre “*mice*” e “*olives*” é muito mais natural do que entre “camundongos” e “azeitonas”, como foi colocado na tradução, que acabou fazendo a ironia do

diálogo cair no vazio. Talvez a tradutora pudesse ter alterado ligeiramente o texto ou buscado outra palavra como, por exemplo, “mamonas”, recuperando, pelo menos em parte, o tom irônico da autora.

Dos poucos deslizes de revisão identificáveis no texto traduzido, o único que parece ter impacto direto no entendimento está em “O primeiro baile dela”, quando a frase “*Oh, dear, how hard it was to be indifferent like the others!*” é traduzida como “Oh! meu Deus, como era difícil ser diferente como as outras!”. No entanto, esses deslizes podem facilmente ser corrigidos em uma nova edição.

De qualquer forma, meu objetivo aqui não é apontar excessos, perdas ou deslizes, mesmo que eu os tenha mencionado. Meu propósito é contribuir para a discussão sobre as estratégias de uma tradutora experiente, na busca por recuperar uma prosa tão forte e sutil como a que se desenvolve nesta coletânea. Sendo assim, reitero que as escolhas de Luiza Lobo foram, em geral, muito bem-sucedidas, principalmente no resgate do ritmo e da operação do sentido no texto de Katherine Mansfield.

Mansfield, Katherine. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Claudia Casaroti atua como tradutora, revisora e editora em inglês, espanhol e português, tendo vasta experiência com textos educacionais, técnicos e acadêmicos. É qualificada como designer instrucional e participou da preparação de material didático para conteúdos linguísticos e técnicos. Com prática de 15 anos na docência do idioma inglês.